

RESENHA: DO SONHO ÀS COISAS - RETRATOS SUBVERSIVOS, DE JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI^[1]

John Kennedy Ferreira*

Luiz Bernardo Pericás organizou uma seleção de textos escritos por José Carlos Mariátegui, durante a década de 20, no livro *La Escena Contemporânea* e na revista *Varietades*. Como bem assinalou Pericás, trata-se da construção de retratos subversivos, feitos de personagens que de formas distintas, marcaram realidade mundial daquele período.

O livro é bem cuidado e apresenta, no início, uma ótima narrativa, escrita pelo organizador, da vida, da trajetória política e social de José Carlos Mariátegui. Pericás toma como pano de fundo as profundas mudanças econômicas e sociais que ocorriam no Peru, na América Latina e no mundo. Destaca a formação de Mariátegui, tipógrafo autodidata que através da vivência, do estudo e das amizades que foi realizando no jornal *La Prensa*, construiu profunda paixão pelas palavras, pelas artes, pelos debates e militância política.

Seu ativismo e inquietação nasceram na juventude, quando criou, juntamente com dois amigos, os poetas Cezar Falcón e Abrahan Valdelomar, o grupo da revista *Colonida*, responsável por diversas intervenções culturais, religiosas e políticas. Algumas foram pitorescas e ousadas, como a realizada pela bailarina suíça Norka Rouskaya, que dançou no cemitério de Lima aos acordes da marcha fúnebre de Chopin.

Um pouco depois, em 1918, abandonou a vida poética e a boemia “contaminada de decadentismo e bizantinismo finisseculares”, que ele, com boa dose de auto-ironia, chamou de “idade da pedra”, para aderir ao socialismo.

Fundou, juntamente com Falcon, o jornal *La Razon*, que apoiou ativamente as várias manifestações contra a carestia, promovidas pelo comitê constituído por operários e populares de Lima, e também a luta dos estudantes pela reforma universitária.

A oposição aos governos conservadores de Pádua (1915 - 19) e depois Leguia (1919 – 32) levaram Mariátegui uma estada na Europa, especialmente na Itália, onde travou contato com diversas correntes de pensamento e personagens como Benedetto Croce, D'Annunzio, Gobetti, Papini, Marinetti, Turatti, Gorki e Sorel. A partir da leitura de *O Capital*, na Alemanha, Mariátegui tornou-se marxista, fundando ainda em sua permanência na Europa, a célula comunista peruana, embrião do Partido Socialista Peruano (PSP), depois Partido Comunista do Peru (PCP).

Em seu retorno ao Peru, num primeiro momento foi confundido e saudado como poeta tertúlico, mas aos poucos foi mudando sua postura e, a convite de Victor Raul Haia de La Torre, envolveu-se em atividade de formação política e na prática militante promovida pela Aliança Política Revolucionária Americana (APRA), que se propunha ser uma frente internacional antiimperialista voltado para a unidade latina americana. À medida que Haia de La Torre redefinia o APRA de movimento antiimperialista para partido nacional eleitoral, Mariátegui foi se afastando e rompendo com as estruturas políticas e os limites nacionais sinalizados por esta organização.

Fundou então a revista *Amauta*, que significa em incaico, sábio (apelido pelo qual pouco depois passou a ser chamado), voltada para temas políticos, sociais e literários e também o jornal *Labor*, dirigido exclusivamente à organização da classe operária e à constituição de sua central sindical. Ainda nesse período publicou sua principal obra, os *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*.

Após a ruptura definitiva com o APRA, fundou o PSP, sessão peruana da III Internacional, que participou ativamente do I Encontro de sindicalistas e de comunistas organizados pelo Cominten em 1929. Alguns meses depois, com pouco mais de 36 anos, Mariátegui morreu.

Uma mostra do talento, criatividade de Mariátegui é nos dada pelos textos cuidadosamente selecionados por Pericás. Observa-se nos artigos sobre Mussolini, D'Annunzio e Wells a preocupação em entender a crise do Estado liberal e ascensão do fascismo. Mariátegui busca ampliar os elementos de abordagem sobre o tema, avança para além da política, da economia, das estruturas de classes, tentando deter os mais variados ângulos da educação, cultura, psicologia, ilusões, esperanças e os mitos que possibilitaram à classe burguesa construir um amplo arcabouço e identidade afirmativa pela direita na nação italiana. As debilidades e fragilidades da classe operária são pensadas através da caduça e perda de estratégia do Partido Socialista Italiano (PSI), de um lado, e pela juventude e imaturidade do Partido Comunista Italiano (PCI), de outro.

A crise do Estado e da democracia liberal e o pós-I Guerra Mundial nos são apresentados por uma série de artigos sobre personagens de proa, protagonistas que discutem e agem diante de uma vontade revolucionária insurgente, da contra revolução fascista e da decadência do sistema liberal. Keynes é mostrado como uma dos pensadores políticos mais ativos desse período, ao perceber, por exemplo, que os tributos cobrados em Versalhes, à Alemanha, pela França e Inglaterra, colocam uma pá de cal no liberalismo e preparavam uma nova guerra e com ela, a revolução.

A luta anticolonial e antiimperialista tem seu destaque em diversos e diferentes personagens, do fundador do Kominteng, Sun Yat Sen, a Mahatma Gandhi, do poeta Tagore ao Don Quixote de barbas, o boliviano Tristan Marof. Assuntos como a não violência, as lutas nacionais, o anticolonialismo também povoam as páginas escritas pelo Amauta. Mas o

centro de suas preocupações é a proximidade ou distância desses temas e personagens frente à revolução. Esta é o pano de fundo de todos os “retratos”; define o ângulo e o foco da “câmara” que Mariátegui direciona para seus modelos e personagens. Nos artigos sobre Ziniovisk, Trotsky, Gorki ou France são observadas as tramas do futuro, a forma como a revolução se aproxima, encanta e ilumina o mundo e o aproxima do amanhã.

O livro traz ainda uma nota autobiográfica redigida em 1927 e, elaborados por Luis Bernardo Pericás, uma cronologia de Mariátegui, um glossário dos títulos publicados pelo Amauta e um bom catálogo biográfico de vários dos personagens mencionados. Este livro feito com erudição e paixão possui somente uma quase imperceptível falha: a ausência de notas bibliográficas na apresentação de Pericás, o que poderia contribuir ainda mais para novas pesquisas sobre a obra teórica e prática de Mariátegui.

Neste momento de avanço das forças populares e aumento da consciência antiimperialista – e mesmo socialista – na América Latina, a leitura de Mariátegui é fundamentalmente recomendada.

^[1] PERICÁS, Luiz Bernardo (Org.). São Paulo, Boitempo, 2005.

* - Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e membro do NEILS.